

ela voltada para o seu passado, marcado pelo Holocausto. Esses capítulos de "O Caminho do Sal" relatam as recordações de sua infância em terras distantes, com passagens dolorosas que o escritor e poeta não consegue eliminar de sua mente.

A tendência a um distanciamento da religião, dos valores sociais da diáspora, do schtetl e a aversão à imagem do judeu da diáspora, caracterizam a mentalidade dessa geração de sabras e resulta na adesão destes jovens ao "movimento canaanita". Diziam que sua ligação era com a Terra de Canaã; era ali que estavam as suas raízes; que eram judeus da Terra de Israel, fortemente ligados com seus antepassados que ali viveram nos tempos bíblicos, sem nenhuma ligação com os judeus da diáspora. É uma geração em cuja retaguarda não se encontra o grande povo judeu, mas somente a pequena comunidade israelense. São os novos judeus, os israelenses, sem a pesada carga judaica de dois mil anos de exílio.

Aharon Megued expressa a sua preocupação com os "canaanitas", o judaísmo e o dilema da existência judaica em Israel. No conto "O Nome" (em hebraico "Yad Vaschem") ele aborda o distanciamento que há entre o "canaanita", o jovem israelense, e o velho avô Ziskind, o judeu da diáspora. O jovem casal israelense, na história, cria um abismo intransponível que o separa do avô e de seu mundo: a história termina com a observação da jovem sabra sobre a sensação de abandono e de orfandade.

Mosche Schamir escreve sobre o jovem de sua época, o jovem do kibutz ("Ele Andou pelos Campos"); o combatente da Guerra da Independência ("Com suas Próprias Mãos"). Ele também é o escritor dos romances e relatos históricos. As suas narrativas históricas não colocam em segundo plano os problemas atuais do homem na Terra de Israel, mas antes aprofundam a compreensão desta problemática apresentando personagens históricos paradigmáticos e, através destes, desenvolve suas críticas à sociedade moderna.

"A Cavalhada no Sábado" assinala o dualismo na visão de Schamir, onde ele opõe a figura luminosa de Rabi Meir à do homem revoltado, Rabi Elischa, que na verdade é a personagem central do conto. Trata dos problemas normativos do judaísmo e vê com simpatia o Rabi rebelde. Schamir emprega, com muita arte, uma linguagem arcaica, compatível com os personagens do período talmúdico. Mas acima das revoltas, do espírito independente, há a eternidade espiritual, a sobrevivência de Israel no estudo das crianças. "Israel, enquanto as crianças lhe pertencerem, não se perderá". "Ai da sabedoria quando é estéril."

Na "História do Jardim do Éden", Bartov relata, na forma de memórias de um menino, a vida dos operários e dos colonos na década de trinta, entremeada com o conto sobre a Criação e o Jardim do Éden, que ouvira na sua infância do contador de histórias,

Brisker. São os contos bíblicos intimamente ligados aos modernos operários que vieram reconstruir a Terra de Israel, a terra onde a Bíblia foi criada.

Schlomo Nitzan, também membro do "Grupo" da Geração da Terra, destacou nos seus contos figuras solitárias que vivem alienadas, indiferentes aos grandes acontecimentos. São personagens que, sob influência da guerra ou de pressões sociais assumem situações de protesto e muitas vezes tornam-se patéticos como no conto "À Margem do Mar Morto".

Yoram Kaniuk é um escritor modernista. Quanto à temática, não pertence a esta geração, mas a sua biografia é semelhante às dos demais companheiros. Não foi membro do kibutz, mas, como todos os jovens de sua geração, serviu na organização clandestina Palmach e lutou na Guerra da Independência (1948).

"A Vida Esplêndida de Clara Chiato" nos apresenta uma vida inteira, do começo ao fim. Clara Chiato passou pelo Holocausto, sobreviveu ao nazismo e à perseguição dos judeus da Grécia e Turquia. Imigra para Israel, e lá, as suas dificuldades, os problemas com os filhos, seus mitos satânicos do amor e todas as suas penosas experiências são narradas em prosa que beira a poesia. E no final, quando Schmuël lhe pergunta em que está pensando, Clara responde: "Ah, que doce foi a vida, como foi esplêndida essa minha vida!"

Procurei apresentar nesta antologia os escritores representativos da segunda geração da literatura israelense, os da Geração da Terra ou da Guerra da Independência, como também são chamados. É uma tarefa difícil, na medida em que escolher é, às vezes, excluir.

Na escolha, a intenção foi apresentar — dentro do possível — a variedade de temas, de estilos e tendências características da prosa israelense daquele período.

Os jovens escritores procuram expressar, o mais fielmente possível, as suas vivências e experiências, suas lutas e ideais. A nova literatura reflete, numa nova linguagem, a ação, o pensamento e os sonhos da nova sociedade israelense. É uma literatura viva, em pleno desenvolvimento.

RIFKA BEREZIN

Professora de Língua e Literatura
Hebraica da Universidade de São Paulo